

risco de recessão global, avalia Leães

Perfil



FOTOS: FABIOLA CORREIA/JC

Ricardo Leães é internacionalista e doutor em Ciência Política pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Ufrgs). É professor de Relações Internacionais e pesquisador da área no Departamento de Economia e Estatística (DEE), que integra a estrutura da Subsecretaria de Planejamento (Suplan) da Secretaria de Planejamento, Governança e Gestão do Estado

do Rio Grande do Sul (SPGG/RS), e que tem como competências principais integrar e operar o sistema de estatísticas oficiais do RS e realizar pesquisas, estudos, cenários e análises socioeconômicas. Atua também na divulgação científica na área de política internacional, por meio do canal no Youtube 'Ricardo Leães - O Mundo ao seu alcance'.

antes para depois da revolução. E ele deu uma resposta bem sintética que mostra tudo. Ele disse: 'agora todas as decisões são tomadas em Teerã; nenhuma decisão é tomada em Washington ou em outra cidade do mundo'. Então, eles são muito orgulhosos nesse sentido. E eles se prepararam para essa guerra. Talvez os fracassos que todos os outros tiveram, seja o Iraque, a Líbia, a Síria, ajudaram os iranianos a se preparar. Eles estudaram muito esses conflitos para se proteger.

JC - Acredita que esta guerra pode se prolongar?

Leães - Olha, futurologia é algo difícil de fazer. Os iranianos se prepararam para isso (guerra prolongada), e isso a gente pode afirmar com certeza. O Irã está pronto para uma guerra de meses e até anos. Não apostaria neste momento que essa guerra vai se estender tanto. Porque, diferentemente da guerra do Vietnã, essa guerra carrega as condições para impactar a economia mundial de uma forma muito mais significativa. O impacto da guerra do Vietnã nos EUA era

pelos soldados que estavam sendo mortos. Foi aí que eles apostaram. Os iranianos têm o potencial de alterar o comércio mundial. Eles já fecharam seletivamente o Estreito de Ormuz. E tem um outro elemento importante. Os Houthis, no Iêmen, poderiam fechar o Estreito de Bab al-Mandeb. E aí, se isso acontecer, com os dois estreitos fechados, fica inviável exportar petróleo e gás natural daquela região para o resto do mundo. Então ficariam as duas 'artérias' cortadas.

JC - Há risco de uso de armamento nuclear contra o Irã?

Leães - Olha, esse é um grande temor que a gente tem diante dessa situação, porque tanto EUA quanto Israel têm armamentos nucleares, e têm governos bastante bélicos em relação ao Irã. Então, sim, existe. Infelizmente, é inegável que existe o risco.

JC - O preço do barril de petróleo já superou os US\$ 100. Até quanto o preço pode aumentar e qual o risco de uma recessão econômica global?

Leães - Primeiro, há um risco

de recessão global já. O petróleo, no início da guerra, ele estava US\$ 70, mas no início do ano ele estava US\$ 60. Antes do episódio (da captura) do (Nicolás) Maduro, ele estava US\$ 60 o barril e foi mais ou menos o patamar que ele se manteve no ano passado. Tudo bem, esse é um patamar mais baixo do que em outros anos ele esteve, mas era o patamar que estava se registrando. Subiu de cerca de US\$ 60 pra mais de US\$ 100. Isso já é um ganho muito significativo, são quase 70% (de aumento no custo). É um ganho realmente bem elevado. E ele pode subir mais ainda. Primeiro, o que pode estar acontecendo? Talvez a situação ainda não esteja tão ruim porque os mercados estejam esperando que essa guerra vá acabar logo, porque os mercados funcionam muito com base na expectativa. Se eles acreditam que a situação é ruim, mas que logo ela vai ser solucionada, eles vão dando uma segurada (no preço do barril). Agora, se eles acham que não há sinalização de que a situação vai se resolver,

ai eles começam a se desesperar. O que acontece na prática? Se eles acham que vai se resolver, eles não precisam comprar tanto petróleo antecipadamente. Se eles acham que não vai se resolver, o que eles pensam? Vai faltar petróleo. Se vai faltar petróleo, preciso comprar petróleo agora, preciso comprar tudo que conseguir. Na medida que eles façam esse movimento, o preço sobe. Claro que isso já aconteceu, mas acho que poderia estar acontecendo mais ainda caso houvesse uma perspectiva. Só que qual é o limite? O limite é o infinito.

JC - O RS já sofre com falta de diesel. No Brasil, a maior parte do diesel é produzida nacionalmente, mas foram privatizadas muitas refinarias da Petrobras e a BR Distribuidora. Há observações de que distribuidoras poderiam estar 'segurando' o diesel para esperar o petróleo aumentar...

Leães - O que a gente tem de concreto? Primeiro, antigamente o Brasil tinha um monopólio da exploração, produção e refino do petróleo. Antes era tudo a Petrobras. Até tinha uns casos privados, como a refinaria Ipiranga, por exemplo. Então tinha o monopólio da Petrobras. A única exceção era a comercialização. Tanto que postos de gasolina, sempre teve postos do Shell, por exemplo, no Brasil, mesmo antes da quebra do monopólio da Petrobras. Aí o monopólio foi quebrado, mas a Petrobras manteve a BR Distribuidora e as refinarias permaneceram todas da Petrobras. Chegou o governo Bolsonaro e privatizou algumas das refinarias, sendo a principal uma refinaria da Bahia, e também a BR Distribuidora. Então, assim, não tenho como dizer se essas empresas estão fazendo esse tipo de coisa, não tenho como afirmar. Mas já tenho até um texto sobre isso, porque esse é um tema que eu pesquisei, essas questões energéticas. E o que a gente tem de informação é que as refinarias de petróleo da Petrobras operam no nível máximo (de produção), e as outras não necessariamente, porque atendem os seus interesses de mercado. A ideia de uma empresa estatal é não necessariamente pensar no lucro, é pensar que esteja tudo abastecido, que não falte. Inclusive, se todas as refinarias tivessem sido privatizadas, a gente estaria em uma situação bem complicada. Mas, felizmente, não foram.

JC - Além do petróleo, o

fechamento do Estreito de Ormuz impacta os insumos agrícolas. Como isso pode impactar as safras brasileiras?

Leães - Isso é uma tragédia. Claro que eu não tenho como fazer uma estimativa quantitativa nesse momento, mas na medida que a gente dependa desses insumos, e esses insumos são fundamentais para a produção, isso pode levar a uma quebra de safra. Para nós, isso é uma tragédia já, já é ruim, mas eu acho importante a gente lembrar de outros povos do mundo, povos que dependem de produtos alimentícios importados. A situação do norte da África, por exemplo, é uma situação calamitosa, são populações que dependem de trigo fundamentalmente vindo do exterior. Isso pode causar uma fome de grandes proporções, que a gente não está mais acostumado a ver. Por isso que eu digo: o risco dessa guerra é de um impacto econômico muito negativo, à medida que as coisas vão se acentuando.

JC - Como avalia as medidas implementadas pelo governo Lula para mitigar os prejuízos com a guerra?

Leães - As medidas me parecem boas, me parecem bem adequadas. Só que eu acho que são insuficientes. Primeiro, no curto prazo seria muito difícil o governo conseguir resolver essa situação, me parece que não teria como. Mas algumas medidas poderiam ser tomadas. Essas que foram tomadas foram medidas inteligentes, me parecem adequadas. Inclusive a questão de taxar as exportações para financiar o aumento do refino interno me parece bem inteligente, fora da caixa, vamos dizer assim. Só que tem que reestatizar essas empresas, tem que estatizar de novo a BR Distribuidora. Isso é muito importante, por que o que acontece? É como os bancos públicos. Os bancos públicos ajudam a baratear o crédito também dos bancos privados, porque eles concorrem entre eles. Então, se você baixa dos bancos públicos, os privados têm que baixar também. Por isso que o que eles mais pedem, os privados, é que os públicos operem como se fossem privados, porque aí não vai acontecer isso. Então, se a BR Distribuidora fosse uma empresa estatal, todos os postos BR poderiam ficar mais baratos e influenciar o mercado. Obviamente, até um certo limite, porque essas empresas não operam com uma margem tão grande.